

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê *Ética, Ciência e Meio ambiente* parte de uma evidência, mas que por nos habituarmos justamente às evidências perdemos o espanto (*taumazein* em grego) que, como sabido, segundo Aristóteles, constitui o próprio elã do filosofar. Habitados como estamos com o meio ambiente devastado em que vivemos, acostumamo-nos e nos acostumando não pensamos. Ora, é a função própria da filosofia indagar e provocar indagações sobre o mundo no qual vivemos. Eis, pois, qual foi a finalidade essencial deste dossiê.

Nele vê-se concatenados três pilares de questionamento filosófico que na maior parte do tempo são abordados pela cultura contemporânea de maneira desconectada, a saber: uma questão sobre o que deve ser, a qual envolve a ética; a finalidade da ciência, aqui concebida como técnica, ou seja, arte de confecção de artefatos suscetíveis de nos conduzir a um bem estar, vez que todo agir é guiado por uma busca inquieta *sub specie boni*. Porém, vez que somos seres errantes, aquilo que vimos como bem pode ser nefasto; enfim, a partir desses dois pilares se desvela um questionar sobre o meio ambiente e sua crise, fontes e possíveis consequências se abstermos de pensar.

Anteriormente à modernidade o conceito de ciência estava intimamente unido à contemplação. Como prova: as grandes catedrais medievais foram construídas não para fins utilitários, mas para fins contemplativos. O próprio Aristóteles define a contemplação da natureza como Eudaimonia primeira distinguindo-a de uma Eudaimonia ou felicidade segunda que ele identifica à filosofia prática. *Theorein* (literalmente olhar como Deus), conhecimento ou contemplação da natureza, significa tomar um olhar contemplativo que transcende toda visão puramente utilitarista da natureza que ele identifica ao saber técnico. Ora, essa visão contemplativa no pensamento de João Escoto Erígena (século VIII) é retomada e amplificada a partir do conceito de *Theophania* (o mundo é revelação da divindade). Tal concepção o conduz a uma atitude ética com relação ao meio ambiente, pois nos convida a enxergarmos o cosmos como *Dei apparitio*, algo sagrado e digno de respeito.¹

Essa ideia de contemplação é aprofunda pela investigação do conceito de contemplação na retomada durante o renascimento do século XII por Tomás de Aquino. Assim sendo, ainda que, devido aos limites inerentes à condição, se faz necessário uma intervenção na natureza, no entanto, a visão tomasiana² se distingue da moderna, iniciada por Descartes, a qual eleva o conhecimento prático acima do conhecimento teórico e a *práxis* grega que era segunda torna-se primeira.

Dessa nova visão do mundo segue-se uma visão mecânica e utilitarista do mundo agora dessacralizado. Mas, como as *anthropina* (ou coisas humanas) relevam da modalidade da contingência e não da necessidade, a presente obra inicia um questionamento quando à conscientização humana quanto ao caráter nefasto ocasionado por tal visão apropriativa da natureza, considerada, como *res extensa*,

1 Cf. no presente dossiê o artigo de Pedro Calixto e Marcus Vinicius Carnivali de Araújo. **Neoplatonismo e Meio ambiente: a natureza como teofania no neoplatonismo de Erígena.**

2 Cf. *Idem*, José Vidal de Amorim. **O conceito aristotélico de natureza, no comentário de Tomás de Aquino, e meio ambiente.**

explorável ao infinito. A constante busca por homeostasia, o desejo de Eudaimonia conduzida por Rousseau na totalidade de sua obra que tem como cerne a harmonia entre subjetividade e natureza.³

Com efeito, dado que o pensar o humano exige a consciência, isto é, um saber que se sabe, este pensar humanado se apresenta como duas modalidades: uma real e a outra possível. A tomada de consciência do real e a abertura de possibilidades diferentes dela, pode conduzir a uma outra visão de nossa maneira de estar no mundo.⁴ Assim sendo a filosofia não só pode, mas deve pensar as diferentes possibilidades de estar no mundo. Haraway, Levinas e Derrida são a prova de que um pensamento filosófico-crítico não somente pode, mas deve considerar o mundo no qual vivemos sem negligenciar sua relação com uma outra perspectiva ecológica possível. Ademais, a associação entre os conceitos de dever, pode despertar uma ética da subjetividade implicando uma responsabilidade que transcenda o interesse próprio para além de um antropocentrismo, ou mesmo, egocentrismo, conduzindo à alteridade e, conseqüentemente, ao abandono do *conatus essendi*, expandindo-se à vida como um todo.

Pois bem, ao filósofo cabe repensar o antropoceno⁵. Haveria um caminho de saída para a crise ambiental na qual a técnica nos submergiu? De imediato devemos tomar consciência de que crise há, vez que é desta consciência que emerge um pensar descomprometido com uma visão do mundo para além de um *objectum*, isto é, de um *pro-jeto* de manipulação (*Zuhandenheit*) ou fabricado (*Vorhandenheit*) (Heidegger). Nota-se aqui como uma contemplação da existência para além da manipulação de objetos e da fabricação de utensílios suscetíveis de manipular a natureza como nos alertara as meditações heideggerianas, nos convidam a um olhar despreendido do utilitarismo e que se assemelha à visão do artista: “presa a aranha tece”⁶, como se a arte fosse soteriológica. Provavelmente.

Mas, antes é necessário atribuir à natureza um “rosto”⁷. Dar um “rosto” ao caos presente e a porvir implica na possibilidade de uma tomada de consciência do desumano que nos habita e *responder* ao apelo ético da justiça. Assim, o *leitmotiv* husserliano segundo o qual toda consciência é consciência de algo, pressupõe de imediato que a consciência transcende o objeto. Logo, estando para além do objeto, não pode identificar-se a ele. Eis, pois, uma via, traçada por Jaspers e Levinas, que nos liberaria da mundaneidade do mundo e fundaria a justiça enquanto possibilidade de nos desvencilharmos de uma visão objetal do mundo caótico no qual vivemos. Ouvir o apelo da natureza significaria lhe dar um rosto entre aspas: “Faça todo o possível para que eu não seja destruída.” Notemos que se trata aqui de uma expansão do rosto.

Justamente, resta, no entanto, que este “rosto” não nos aparece necessariamente. Como prova: os inúmeros atentados a integridade do outro e desta destruição, decorre nadificação da contemplação da natureza pura gerada do trauma que nela causamos. Os atentados são patentes nos eventos que Minas Gerais, deste o início do advento da tecnologia ocidental e que perdura até os dias de hoje,

3 Cf. *Idem*, Pedro Calixto e Marcos Antonio J. S. Leal Junior. **Eudaimonia e meio ambiente no pensamento de Rousseau: harmonia do ser humano e a natureza.**

4 Cf. *Idem*, Pedro Paulo Rodrigues Santos. **A possibilidade de outros modos de existência no mundo: um diálogo sobre ética ambiental entre Haraway e Levinas.**

5 Cf. *Idem*, André Luiz Pinto da Rocha. **Repensando o antropoceno.**

6 GARCIA, Adriane. **O nome do mundo.** Fortaleza: Editora Armazém da Cultura, 2014. p. 23.

7 Cf. *Idem*. Marcelo Fabri. **Dar um “rosto” à natureza: resposta fenomenológico-existencial a uma crise.**

sofreu desastres traumáticos aos quais é um desafio dar-lhes nomes.⁸ Os únicos nomes suscetíveis de denominá-los são inomináveis, abomináveis, ou quem sabe: “crime-desastre”⁹. Linguagem e memória são, portanto, os monstros que demonstram a monstruosidade.

Com efeito, a linguagem é o caminho para desconstrução de uma visão irresponsável do meio ambiente. E, conseqüentemente, faz-se necessário uma investigação co-memorativa destas linguagens filosóficas contemporâneas a fim de distinguirmos cacofonia de calofonia¹⁰. Faz-se necessário distinguir os tipos de abordagens contemporâneas. Assim sendo, vê-se que grande parte do questionamento tendeu a questões propriamente genealógicas tentando revelar como o pensamento filosófico, mais propriamente a metafísica ocidental, desde seus primórdios preparou o avanço em direção de uma visão tecnológica do mundo, sem, no entanto, propor uma ética (Heidegger). Outros, por sua vez, visaram a possibilidade de uma abertura a uma ética antropocêntrica vinculada à política e à ética (Vittorio Hösle, Hans Jonas, Adorno). E se pudéssemos, sem perder de vista o humano, nos abirmos ao transcendente como possibilidade de ascensão a uma ética que implique uma responsabilidade pelo meio ambiente (Levinas)?

Antes, no entanto, Husserl havia elaborado desde sua obra *Krisis* uma tentativa de estabelecer uma relação entre o “mundo-da-vida” e “casa comum”¹¹ revelando o quanto a razão ocidental, com a invenção da subjetividade e do individualismo subsequente, já gerara uma dicotomia entre ciência e *Lebenswelt* no qual se elabora um sistema complexo de submissão do agir, não mais à vida, mas a um sistema financeiro e consumista que conduziu a própria autoridade religiosa, na figura do Papa Francisco, a meditar em sua bula *Laudato Si*. A questão fundamental não é simplesmente a destruição do meio ambiente, mas nossa própria destruição! Parece, então, que uma das funções da religião é nos reconduzir ao caráter sagrado da natureza e do humano¹².

O presente dossiê, tende, então, a mostrar que deve haver uma transmutação dos valores, uma transmutação de perspectiva, se não quisermos evitar literalmente a catástrofe iminente do mal gerada no antropoceno¹³. No fundamento desse elã nefasto se encontra a produção da impessoalidade a qual, por sua vez, produz a irresponsabilidade (Fisher) coisificando a alteridade (Moore). Não é impossível que a solução para essa catástrofe anunciada passe uma renaturalização de uma desnaturalização, a qual já fora anunciada por Jean-Jacques Rousseau em seu *Discurso, Emile* e, sobretudo, em seus escritos. *Lettres élémentaires sur la botanique*.¹⁴ Essencialmente, Rousseau contribuíra à possibilidade da

8 Cf. *Idem*. Edvaldo Antonio de Melo e Maria Elisa Silva Mendes. **O Crime-Desastre da Barragem de Fundão/Mariana: como dar nome à memória do trauma?**

9 Cf. *Idem*. Edvaldo Antonio de Melo e Maria Elisa Silva Mendes. **O Crime-Desastre da Barragem de Fundão/Mariana: como dar nome à memória do trauma?**

10 Cf. *Idem*. Ozanan Vicente Carrara. **Ética e Meio-ambiente: breve retomada de alguns elementos da reflexão filosófica contemporânea sobre a questão da natureza e da técnica.**

11 Cf. *Idem*. José Carlos Aguiar de Souza e José Ricardo Duarte. **O “mundo-da-vida” e a nossa “casa-comum”: as contribuições de Husserl e da *Laudato Si* para o debate eco-ambiental contemporâneo.**

12 Cf. *Idem*. Maria Joaquina Fernandes Pinto. **“Tamo junto”? Aproximações ético-teológicas sobre a crise ambiental a partir da *Laudato Si*, da *Fratelli Tutti* e da *Laudate Deum*.**

13 Cf. *Idem*. Ádamo Boucas Escóssia da Veiga. **A catástrofe que logo somos: a banalidade do mal no Antropoceno.**

14 Cf. *Idem*. Victor Alexandre Garcia Pires. **O problema da desnaturação na botânica de Rousseau.**

emergência de uma consciência da desnaturalização do humano ao fazer uma distinção entre natureza (movida por causas necessárias) e o humano (livre e perfectível). Eis, pois, o que o teria feito do humano um signo de uma exceção ao ordenamento do mundo que a modernidade criou devido ao abandono da dimensão teleológica do mundo. Desta feita, caberia reconsiderarmos o modo de como vemos o cosmos e o enxergarmos fenomenologicamente em sua dimensão real como uma comunidade de vida afetiva suscetível de gerar uma ruptura para com a visão tecnológica¹⁵. O pensamento de Edmund Husserl e Michel Henry merecem uma aguçada atenção.

Ora, esse caráter afetivo despertado pelo rosto, pelo outro, enquanto abertura ao infinito, mobilizando o mandamento “não matarás”, rompe para com o livre progresso do *conatus essendi*, graças à efetividade rosto e se expande¹⁶ a um “não destruirá um rosto futuro”. Em suma, não fazendo da natureza um mero instrumento pelo olhar aos rostos sofrentes presentes, romperíamos com as relações destrutivas do ser e do outro ou sua redução a objeto da qual decorrem as catástrofes ambientais. Enfim, a emergência de uma conscientização da urgência das questões ambientais passa necessariamente pela mudança de perspectiva do olhar. Ora, tal transmutação de valores e de olhares exigem necessariamente a intervenção da Educação, pois dela depende o nascimento de uma responsabilidade que não é minha ou sua, mas se expande à coletividade¹⁷. Eis que desejamos uma boa leitura dos artigos!

Organizador

Ozanan Vicente Carrara

Coorganizadores

Janessa Pagnussat

Pedro Calixto

Silvestre Grzibowski

15 Cf. *Idem*. Silvestre Grzibowski. **Vida e Cosmos em Michel Henry: uma comunidade afetiva.**

16 Cf. *Idem*. Pedro Calixto e Nely Medeiros. **Levinas: a proximidade do rosto e futuro do meio ambiente.**

17 Cf. *Idem*. Adriana dos Santos Souza e Ana Alice De Carli. **Responsabilidade socioambiental coletiva: um olhar sobre o papel da educação ambiental no enfrentamento das mudanças climáticas.**